

## Vacinação: mais um capítulo na narrativa política da pandemia\*

Ana Teresa Peixinho, Felisbela Lopes, Clara Almeida Santos, Rita Araújo,  
Catarina Duff-Burnay & Olga Estrela Magalhães

Universidade de Coimbra | CEIS20 / Universidade do Minho | CECS / Universidade de Coimbra | CEIS20 / Universidade  
do Minho | CECS / Universidade Católica Portuguesa | CECC / Universidade do Porto | CINTESIS

Email: apeixinho71@gmail.com / felisbela@ics.uminho.pt / clara.santos@uc.pt / ritaaraujo@ics.uminho.pt /  
cburnay@ucp.pt / olga.estrela@gmail.com

### Resumo

Este artigo é um estudo de caso exploratório sobre a mediatização da primeira fase de vacinação contra a COVID-19 em Portugal. Analisa qualitativamente dois jornais diários generalistas portugueses – o *Público*, jornal de referência, e o *Jornal de Notícias*, jornal popular –, procurando compreender quais as estratégias discursivas utilizadas nas peças informativas sobre vacinação. A análise de discurso de 101 títulos, publicados entre 21 de dezembro de 2020 e 21 de janeiro de 2021, revela que a cobertura noticiosa dos dois jornais recorre essencialmente a duas estratégias discursivas: a politização do acontecimento, configurando uma narrativa que espelha um trabalho jornalístico excessivamente dependente de fontes oficiais; e a promoção de uma narrativa de esperança, contrastante com a narrativa distópica anterior, que dominou os primeiros meses de cobertura da pandemia.

Palavras-chave: vacinação, COVID-19, mediatização, discurso, narrativa, politização

### Abstract

This article is an exploratory case study focusing on the media coverage of the first phase of the Covid-19 vaccination campaign in Portugal. Using a qualitative analysis of two daily generalist newspapers - *Público* (quality press) and *Jornal de Notícias* (popular press) - we aim to understand the discourse strategies used on the news pieces about vaccination. The discourse analysis of 101 titles published between the 21st December 2020 and the 21st January 2021 shows that news coverage from both newspapers resorts mainly to two discursive strategies: on the one hand, the politicization of the event, reflecting journalistic procedures excessively dependent on official sources; on the other hand, the enhancement of a narrative of hope that contrasts with the previous dystopian narrative.

Keywords: vaccination, COVID-19, mediatization, discourse, political bias

\*Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto UIDB/00736/2020 (financiamento base) e UIDP/00736/2020 (financiamento programático) e no âmbito do contrato assinado ao abrigo da norma transitória, artigo 23 do decreto-lei 57/2016, de 29 de agosto, revisto pela lei 57/2017, de 19 de julho.

Data de submissão: 2021-10-06. Data de aprovação: 2022-02-21.

Revista Estudos em Comunicação é financiada por Fundos FEDER através do Programa Operacional Factores de Competitividade – COMPETE e por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projeto *LabCom – Comunicação e Artes*, UIDB/00661/2020.

## Introdução: contexto e objetivos

No primeiro trimestre de 2020, o vírus respiratório, que assolava Wuhan, capital da província chinesa de Hubei, desde o final de 2019, chega ao mundo ocidental, tendo a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarado a pandemia de COVID-19 em março<sup>1</sup>. O anúncio foi acompanhado, nos meses subsequentes, por uma avalanche de informação (nem sempre fidedigna ou verdadeira), disseminada por todos os meios e a grande velocidade pelas redes sociais digitais.

Incorporando um certo discurso público de comentadores, responsáveis pelos serviços públicos e políticos, os *media* deram início à construção de ‘narrativa de guerra’, que viria a enquadrar as graves medidas governamentais, preparando a população para um cenário ‘apocalíptico’: tratava-se de uma guerra contra “um inimigo invisível e muito inteligente”; o maior desafio desde, pelo menos, a II Guerra Mundial; um “combate desigual”<sup>2</sup>. Perante um acontecimento disruptivo, provocado por uma questão de saúde pública de grande gravidade, que nem entre a comunidade científica gerou consensos, a proliferação de enquadramentos contribuiu para aumentar a insegurança e o medo generalizados, constituindo um ruído na perceção do problema por parte da população<sup>3</sup>.

A construção da narrativa distópica da pandemia de COVID-19 foi sendo acompanhada pela cobertura da evolução científica na busca da tão desejada solução para a imunidade de grupo: a descoberta de uma vacina. É, pois, no final de 2020 que a narrativa mediática disfórica começa a inverter caminho, precisamente na altura em que a *European Medicines Agency* (EMA) aprova a vacina da BioNTech-Pfizer e a Comissão Europeia (CE) anuncia o arranque da vacinação nos Estados-membros para o final de dezembro:

Na Europa, a “luz verde” foi dada pela *European Medicines Agency* (EMA) no dia 21 de dezembro de 2021. Seguiu-se a celeridade da Comissão Europeia em autorizar a comercialização e distribuição das vacinas em todos os 27 Estados-membros. A presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen, anunciou que o processo de vacinação seria concertado, arrancando entre 27 e 29 de dezembro de 2020 nos 27 países. Por momentos, a narrativa mediática e social mudou. A vacina – fruto da capacidade médico-científica do velho continente – e a coordenação europeia traziam *esperança*, uma palavra muito repetida nos dias subsequentes (Magalhães *et al.* 2021: 216-217).

A 4 de dezembro, na sua crónica semanal da *Revista E* do *Expresso* – “A vacina não é de esquerda nem de direita” – a jornalista Clara Ferreira Alves critica o modo como os *media* faziam a cobertura da vacinação, excessivamente politizada e determinante para a perceção das pessoas e para o sucesso ou insucesso político do governo. A politização de eventos desta natureza não é nova tendo sucedido em pandemias anteriores da segunda metade do século XX – Ébola, SIDA, H1N1 (Adida *et al.*, 2017; Scott, 2014). Há já alguns estudos sobre a mediatização da COVID-19, sobretudo focados na imprensa norte-americana, britânica e chinesa, que têm revelado esse mesmo viés político (Abbas, 2020; AIAfnan, 2020; Cotter, 2020).

Em Portugal, investigação recente sobre a comunicação de saúde das organizações nacionais em ambiente digital, em sites oficiais e nas redes sociais (Magalhães *et al.*, 2021; Santos *et al.*, 2021) reforça a premissa da questão de partida: “Capitalizar este sucesso significa melhorar a reputação política das

1. “Decisão foi anunciada pelo diretor-geral da OMS, Tedros Ghebreyesus, em Genebra; mundo já tem mais de 118 mil infeções com 4.291 mortes, a maioria na China, onde a doença surgiu; covid-19 está presente agora em 114 países; é a primeira vez que uma pandemia é decretada devido a um coronavírus” (ONU News, 11 de março de 2020: <https://news.un.org/pt/story/2020/03/1706881> - consultado em dezembro de 2020).

2. Estas expressões foram proferidas e escritas por altas figuras do Estado, por dirigentes de instituições públicas e por muitos comentadores, quer em discursos na rádio e na TV, em diretos ou espaços de comentário, bem como escritas nos jornais (Veja-se análise e exemplos em Cunha & Peixinho, 2020: 153-157).

3. Veja-se, por exemplo, artigo de opinião de Clara Ferreira Alves “De tudo como na farmácia”. In: *Revista E*, 24/04/20, p. E3.

fontes oficiais e dos seus representantes, sendo que, no nosso país, esta situação poderá ter sido ainda mais evidente, pela proximidade da assunção da Presidência portuguesa do Conselho da União Europeia” (Magalhães *et al.* 2021: 230).

O objetivo deste artigo é precisamente analisar a mediatização da primeira fase da vacinação contra a COVID-19 em Portugal (21 de dezembro de 2020 a 21 de janeiro de 2021), feita pela imprensa diária portuguesa, através de dois jornais que abaixo se explicitam, procurando detetar quais as principais estratégias discursivas utilizadas pelas peças sobre vacinação e em que medida elas revelam uma politização do acontecimento.

## 1. Metodologia

Os dois jornais selecionados para este estudo foram o *Público* (P), jornal diário nacional de referência, e o *Jornal de Notícias* (JN), jornal diário popular, nas suas versões e-paper. Esta escolha está em linha com a tendência crescente de assinaturas pagas de jornais, de acordo com dados recentes do Digital Report 2021<sup>4</sup>. Assume-se esta análise como um estudo de caso exploratório, que integra um projeto mais amplo que se debruça sobre a comunicação do processo de vacinação contra a COVID-19 em Portugal através da análise da cobertura mediática, não só na imprensa generalista nacional, mas também nos serviços noticiosos dos canais de televisão generalistas em sinal aberto, e da análise da comunicação estratégica promovida por fontes oficiais, portuguesas e europeias.

Foram analisados todos os números de ambos os jornais publicados entre 21 de dezembro de 2020 e 21 de janeiro de 2021, período que corresponde à aprovação das vacinas pela EMA e pela CE contra a COVID-19 e ao início da primeira fase de vacinação em Portugal que teve como beneficiários prioritários os profissionais de saúde.

Este estudo de caso adota uma metodologia qualitativa<sup>5</sup>, embora fundamentada em dados de análise de conteúdo, e segue os procedimentos da Análise de Discurso. Foca-se essencialmente nos títulos dos artigos, que são enunciados-chave para o enquadramento da informação e consequente percepção dos leitores. Tendo em conta as características textuais dos géneros em análise, é sabido que os títulos concentram, geralmente, as principais macroproposições do texto, definindo temas, o tom da notícia e o seu enquadramento (Bell, 1994; Van Dijk, 1998; Maingueneau, 2012). Os títulos de notícias e reportagens são metatextos<sup>6</sup>, que atingem audiências muito mais alargadas, pois são, muitas vezes, os únicos enunciados lidos; são também, de acordo com Charaudeau (2004), Mouillaud e Tétu (1989), formas de categorização que implicam procedimentos de leitura e têm impacto nos processos cognitivos dos leitores (Van Dijk, 2005).

---

4. “Entre 2020 e 2021 a proporção de portugueses utilizadores de Internet que pagou por notícias em formato digital, no ano anterior, subiu 6,8 pp. para os 16,9%. Entre as marcas inquiridas pelo RDNR 2021 (ver capítulo Marcas), observa-se um aumento de 49,2%, dos 72 193 para os 107 704 em termos de Circulação Digital Paga, dados fornecidos pela APCT” (DNR, 2021: 38).

5. “Salienta-se, ainda, dentro das metodologias qualitativas, os estudos de caso que utilizam métodos quantitativos e qualitativos. Os estudos de caso são estratégias pluralistas de pesquisa que utilizam diversos métodos de recolha de dados, muitas vezes centradas em preocupações do pesquisador, que enuncia questões do tipo “como” e “porque”. Este tipo de pesquisa é frequentemente utilizado na prospeção de problemáticas “novas” e em trabalhos académicos que visam apreender fenómenos previamente delimitados e pouco controlados. Os estudos de caso têm, assim, um o papel exploratório (no sentido de mapear tendências e questões), uma função descritiva (expõem dados e indicadores e cotejam-nos) e explanatória (expõem situações únicas e tentam organizar elementos que possam ser generalizados em situações similares)” (Cunha & Peixinho, 2020: 110-111).

6. “So, headlines are the first interpretation of media events, which are themselves interpretations of plain facts. Headlines are simultaneously autonomous verbal products (because they are separate from the remaining texts) and dependent products (because they communicate closely with those texts and refer to them explicitly), as well as being part of the textual cohesion and coherence, since they are condensed and have a cataphoric nature. Autonomy and dependence are the two main characteristics that make this text type a challenge for researchers” (Ramos *et al.*, 2009: 2-3).

A seleção do *corpus* de análise obedeceu a critérios semânticos e de género discursivo: os 101 textos que o integram têm como tema principal a vacinação (quase sempre anunciado nos títulos através de palavras desse campo lexical) e provêm de géneros informativos – notícias, reportagens e entrevistas – tendo-se preterido breves com menos de dois parágrafos, bem como textos explicadores (Perguntas & Respostas) e Infografias.

As categorias de análise utilizadas distribuem-se por três parâmetros de construção dos enunciados: as dimensões semântica, sintática e retórica que permitirão aceder às principais estratégias discursivas utilizadas na cobertura jornalística da primeira fase da vacinação contra a COVID-19 em Portugal.

A dimensão semântica diz respeito ao campo lexical e aos procedimentos de lexicalização utilizados, bem como à dimensão intertextual dos textos, diretamente ligada às fontes e ao modo como estas são integradas nas notícias.

Dentro da dimensão sintática e no quadro da linguística sistémico-funcional de Halliday<sup>7</sup> e dos estudos de Norman Fairclough (2004) e Van Leeuwen (1997), optou-se por analisar a modalidade<sup>8</sup> e a transitividade<sup>9</sup>. A modalidade representa o posicionamento dos locutores / escreventes face ao outro. Trata-se de um sistema de representação relacionado com a função interpessoal da linguagem, pois permite aceder às atitudes e posicionamentos dos enunciadorees. A transitividade oferece um leque de opções para o significado ideacional que revela os diferentes modos que a linguagem tem para representar a experiência: como fazer, sentir, dizer ou ser (Schleppegrell, 2012)<sup>10</sup>. Permite, assim, analisar de que forma os atores sociais (leia-se as personagens que figuram nas narrativas) são representados no discurso dos *media* e que tipo de ações lhes são imputadas: se surgem como agentes (sujeitos ativos das ações) ou pacientes (quando sofrem ou beneficiam das ações de outrem); se agem ou dizem, se sentem ou pensam; se são pessoas, entidades ou objetos. Assim, a análise da transitividade dos títulos do *corpus* procurará estabelecer os tipos de processos explicitados, bem como os participantes e papéis nesses processos. Para além da tipologia de processos (materiais, verbais, comportamentais, relacionais, mentais e existenciais), é também importante analisar o modo como os atores sociais são categorizados e nomeados nas notícias<sup>11</sup>.

7. Halliday elaborou, ainda na década de 70, uma teoria geral da linguagem, conhecida hoje como linguística sistémico-funcional, que recusava a descrição meramente estrutural e punha no centro da caracterização de uma língua o seu uso: a gramática era mais um conjunto de possibilidades do que um conjunto de normas e estava profundamente vinculada às necessidades sociais e individuais que a linguagem deve satisfazer. Distinguiu três metafunções da linguagem: i) a função ideacional que se refere à capacidade representativa da linguagem; ii) a função interpessoal prende-se com a capacidade de a linguagem estabelecer os vínculos e as relações sociais e iii) a função textual, que determina o texto como unidade de comunicação, constituído por procedimentos de coesão e coerência. (Cunha & Peixinho, 2020; Gouveia, 2009; Halliday, 1994 e 2004; Wodak & Meyer, 2003).

8. A modalidade é definida como “categoria gramatical que exprime a atitude do locutor face a um enunciado ou aos participantes do discurso. A modalidade permite expressar apreciações sobre o conteúdo de um enunciado (i) ou representar valores de probabilidade ou certeza (modalidade epistémica), (ii) ou de permissão ou obrigação (valor deontico) (iii) ou ainda de apreciação. A modalidade pode ser expressa de muitas formas diferentes: através da entoação, da variação no modo verbal, através de advérbios, de verbos modais (...)” (Ciberdúvidas). Veja-se também Halliday e Matthiessen, 2004: 146-150.

9. “Our most powerful impression of experience is that it consists of a flow of events, or ‘goings-on’. This flow of events is chunked into quanta of change by the grammar of the clause: each quantum of change is modelled as a figure — a figure of happening, doing, sensing, saying, being or having (see Halliday and Matthiessen, 1999). All figures consist of a process unfolding through time and of participants being directly involved in this process in some way; and in addition, there may be circumstances of time, space, cause, manner or one of a few other types. These circumstances are not directly involved in the process; rather they are attendant on it. All such figures are sorted out in the grammar of the clause. Thus, as well as being a mode of action, of giving and demanding goods-&-services and information, the clause is also a mode of reflection, of imposing order on the endless variation and flow of events. The grammatical system by which this is achieved is that of TRANSITIVITY (cf. Halliday, 1967/8). The transitivity system construes the world of experience into a manageable set of PROCESS TYPES” (Halliday & Matthiessen, 2004: 170).

10. “The system of transitivity, for example, offers a range of options for ideational (content) meaning that is comprehensive of the ways language varies in presenting experience: as doing, sensing, saying, or being” (Schleppegrell, 2012: 21).

11. “Just as there are choices in the representation of processes, so also there are choices in the representation of social actors. Social actors are usually Participants in clauses, though they may not be (they may be within Circumstances instead),

A dimensão retórica permite analisar o tom, o registo de discurso e as figuras utilizadas na construção dos títulos. A variável ‘tom’ é semelhante à “atitude em relação ao real” de que falam Charron e Bonville, considerando que o jornalista pode ter uma atitude parcial na representação dos factos, emitindo explícita ou implicitamente juízos de valor; neutra, quando “o jornal permanece neutro com respeito ao real”; ou crítica, quando o jornal “se coloca, por assim dizer, acima do real, numa postura crítica que se exprime pelo humor, a desenvoltura, o escárnio” (Charron & Bonville, 2016: 198–199). Adota-se, nesta análise, a classificação de Patterson (2003), segundo o qual o título é determinante para a perspetiva positiva, negativa ou neutra.

## 2. Resultados e discussão

A distribuição dos artigos por ambos os jornais, ilustrada na Tabela I, permite concluir que 50,50% dos textos são do JN, correspondente a 51 peças, e 49,50% do P, correspondente a 50 peças. Embora este último jornal tenha tido, no período em análise, menos edições do que o JN<sup>12</sup>, há uma distribuição muito equilibrada, em termos quantitativos, entre ambos.

Tabela I. Número de peças jornalísticas

Jornal	N.º de textos	%
<i>Jornal de Notícias</i>	51	50,50
<i>Público</i>	50	49,50
<b>Totais</b>	<b>101</b>	<b>100</b>

Relativamente à distribuição por género discursivo, a Tabela II mostra que a notícia é de longe o género privilegiado, seguindo-se a reportagem e, por fim, a entrevista. O P aposta mais em reportagens e entrevistas do que o JN, e este privilegia as notícias, embora mais curtas do que as do P.

Tabela II. Géneros discursivos

Jornal	Notícias		Reportagens		Entrevistas	
	N.º	%	N.º	%	N.º	%
<i>Jornal de Notícias</i>	43	84,31	8	15,62	0	0
<i>Público</i>	33	66	14	28	3	6
<b>Totais</b>	<b>76</b>	<b>75,24</b>	<b>22</b>	<b>21,78</b>	<b>3</b>	<b>2,97</b>

and not all Participants are social actors – they may be physical objects for instance (compare ‘the car hit Mary’, ‘the car hit a rock’ – both ‘Mary’ and ‘a rock’ are objects of the verb, i.e. Participants, but only ‘Mary’ is a social actor)” (Fairclough, 2004: 145). Van Leeuwen explica que “a agência sociológica nem sempre é realizada pela agência linguística” e que é “da maior importância” compreender “Quais os atores sociais e em que contextos estão eles representados como agentes e como pacientes” (Van Leeuwen, 1997: 169).

12. O jornal *Público* não saiu para as bancas nos dias 25 de dezembro de 2020, nem no dia 1 de janeiro de 2021.

Relativamente ao destaque dado ao tema, adotaram-se dois critérios: o número de chamadas de primeira página e de manchetes, por um lado, e o número de peças publicadas nas secções “Destaque” (do P) e “Primeiro Plano” (do JN). Mais uma vez, as notícias sobre vacinação distribuem-se em ambos os jornais de modo equilibrado entre as secções de destaque e outras secções, como Mundo, Sociedade e Ciência (no P) e Nacional e Mundo (no JN). Deteta-se que, no P, durante a primeira semana de cobertura, todos os textos integram o “Destaque”, sendo progressivamente relegados para outras secções à medida que outros temas da atualidade se sobrepõem (como o das eleições presidenciais portuguesas). No JN, a escolha de “Primeiro Plano” é mais irregular e não se consegue estabelecer um padrão em função da novidade (note-se que as Presidenciais e o dérbi Porto-Benfica foram privilegiados relativamente ao tema da vacinação).

Tabela III. Destaque

Jornal	Destaque / Primeiro Plano		Chamadas de 1. <sup>a</sup>		Outras secções	
	N.º	%	N.º	%	N.º	%
<i>Jornal de Notícias</i>	27	52,94	3	5,88	24	47,05
<i>Público</i>	24	48	10	20	26	52
<b>Totais</b>	<b>51</b>	<b>50,49</b>	<b>13</b>	<b>12,87</b>	<b>48</b>	<b>47,52</b>

Recorrendo à tipologia de títulos proposta por Estrela Serrano (Serrano, 2005: 302 e 303), organizaram-se os títulos dos 101 artigos do *corpus* em quatro categorias: títulos informativos indicativos<sup>13</sup>, informativos explicativos<sup>14</sup>, expressivos<sup>15</sup> e declarativos<sup>16</sup>. A Tabela IV permite concluir que a maioria dos títulos são de natureza informativa (67,32%), distribuídos equitativamente entre títulos indicativos e explicativos, havendo, contudo, uma percentagem considerável de títulos expressivos (20,79%). A representatividade dos títulos declarativos é bastante menor (11,88%), embora seja de assinalar que, à exceção de duas reportagens, todos os títulos declarativos ecoam o discurso de organizações políticas ou de saúde.

13. “Identificam o acontecimento «sem pressupor qualquer espécie de conhecimento anterior do destinatário sobre o contexto». Trazem uma resposta aos tópicos «quem? o quê? onde? quando?»; indicam os factos ou os dados” (Serrano, 2005: 302).

14. “Indicam, sinteticamente, as causas ou as consequências de um acontecimento (respondem à pergunta «como?»)” (Serrano, 2005: 302).

15. Embora a autora contemple três subtipos de títulos expressivos, nesta análise optou-se por considerar apenas a categoria macro – expressivos. Em todo o caso, de acordo com Estrela Serrano: nos títulos expressivos apelativos “(...) assumem importância decisiva as funções poética, fática, conotativa ou, mesmo, expressiva. Não visam informar sobre um facto e sobre as circunstâncias que o singularizam, mas invocar, em menor ou maior grau, um facto que se presume conhecido»; jogam com a *accrochage* e a sensação, procuram dramatizar os acontecimentos”; os títulos expressivos formais ou lúdicos são “centrados sobre a forma da mensagem (função poética da linguagem) podem quer «ser construídos à maneira do trocadilho», quer lembrando «títulos de filmes, de livros, de canções ou de slogans publicitários»”; e os títulos expressivos interrogativos são “construídos sob a forma de pergunta, jogam no contacto com o leitor («função fática da linguagem»); trata-se, em geral, de uma questão sem resposta ou, pelo menos, sem resposta imediata” (Serrano, 2005: 303).

16. “(...) baseiam-se numa citação (no discurso directo ou indirecto) atribuída a uma personalidade ou a uma entidade exterior ao jornal; o jornal apaga-se, enquanto enunciador, colocando-se em evidência o destinador original da mensagem” (Serrano, 2005: 303).

Tabela IV. Tipologia títulos

	INFORMATIVO INDICATIVO		INFORMATIVO EXPLICATIVO		EXPRESSIVO		DECLARATIVO	
	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%
JN	17	33,33	19	37,25	9	17,64	6	11,76
PÚBLICO	17	34	15	30	12	24	6	12
<b>TOTAIS</b>	<b>34</b>	<b>33,66</b>	<b>34</b>	<b>33,66</b>	<b>21</b>	<b>20,79</b>	<b>12</b>	<b>11,88</b>

Na Tabela V, estão representadas as diferentes modalidades usadas nos títulos em análise: epistémica (e os respetivos valores de certeza, possibilidade e probabilidade); deontica (e os respetivos valores de obrigatoriedade e permissão) e apreciativa. Os exemplos seguintes permitem ilustrar cada tipo de modalidade e respetivos valores identificados no *corpus* de análise:

### Modalidade Epistémica

Valor de possibilidade:

“Em Portugal será possível vacinar até 75 mil pessoas por dia” (P, 21.12.20)

“Quatro dias para vacinar 12 mil utentes e funcionários de lares” (JN, 31.12.20)

Valor de certeza:

“Vacina da BioNTech-Pfizer aprovada na União Europeia” (P, 23.12.20)

“Funcionária do IPO não teve “efeito indesejável” após vacina” (JN, 4.01.21)

Valor de probabilidade:

“70% dos adultos vacinados no fim do verão” (P, 20.01.21)

“Brasil em risco de não ter seringas para vacinar” (JN, 7.01.21)

### Modalidade Deontica

Valor de obrigatoriedade:

“Doentes com reações alérgicas não devem ser imunizados” (JN, 24.12.20)

“Vacina da BioNtech-Pfizer aprovada na UE mas há que continuar a usar máscara” (P, 23.12.20)

### Modalidade Apreciativa

“Vacinação arranca com a eficiência de um ballet russo” (P, 24.12.20)

“Hungria ‘fintou’ UE e começou ontem a imunizar” (JN, 27.12.20)

Verifica-se que a modalidade predominante, como é expectável em textos jornalísticos de informação, é a modalidade epistémica de certeza, com 49,5% das ocorrências, seguida da modalidade apreciativa, em 25,74% dos títulos, e da modalidade epistémica de probabilidade, com 10,89%.

Tabela V. Modalidade

	EPISTÊMICA						DEÔNTICA				APRECIATIVA	
	CERTEZA		POSSIBILIDADE		PROBABILIDADE		OBRIGATORIEDADE		PERMISSÃO			
	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%
JN	30	58,82	1	1,96	5	9,8	5	9,8	0	0	10	19,6
PÚBLICO	20	39,21	5	10	6	12	3	6	0	0	16	32
<b>TOTAIS</b>	<b>50</b>	<b>49,5</b>	<b>6</b>	<b>5,94</b>	<b>11</b>	<b>10,89</b>	<b>8</b>	<b>7,9</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>26</b>	<b>25,74</b>

A Tabela VI mostra a incidência dos diversos tipos de processos usados nos títulos do *corpus*: é evidente o destaque dos processos materiais (49,5%), distribuídos de modo equilibrado por ambos os jornais, e a incipiente representatividade dos processos relacionais, com apenas duas ocorrências (1,98%). Salienta-se uma diferença relativa ao recurso de processos verbais – em que o P apresenta uma taxa de 22%, contra apenas 9,8% do JN – e, em sentido inverso, os processos comportamentais que são usados em 30% dos enunciados do JN, contra apenas 14% do P. Os processos verbais são exclusivamente utilizados em títulos cujos agentes são autoridades de saúde (como a Ordem dos Médicos ou o Conselho de Ética) ou governamentais (nacionais e internacionais).

Entre os processos materiais, e recorrendo a uma análise lexical, dominam os verbos como ‘vacinar’ (e verbos afins como ‘imunizar’), com 20 ocorrências, ‘receber’, ‘arrancar’ e ‘aprovar’, com 16 ocorrências, que naturalmente traduzem os temas dominantes da primeira fase de vacinação no país: a aprovação das vacinas, a sua distribuição e o início da sua administração.

Tabela VI. Transitividade

	MATERIAIS		VERBAIS		COMPORTAMENTAIS		MENTAIS		EXISTENCIAIS		RELACIONAIS	
	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%
JN	26	50,98	5	9,8	15	30	2	3,92	1	1,96	2	3,92
PÚBLICO	24	48	11	22	7	14	4	8	4	8	0	0
<b>TOTAIS</b>	<b>50</b>	<b>49,5</b>	<b>16</b>	<b>15,84</b>	<b>22</b>	<b>21,78</b>	<b>6</b>	<b>5,94</b>	<b>5</b>	<b>4,95</b>	<b>2</b>	<b>1,98</b>

A tabela seguinte (VII) contabiliza a forma de representação destes processos, prevalecendo a concretização. Contudo, ao recurso à nominalização que ocorre em 20,79% dos títulos, há que juntar os processos de apagamento do agente da passiva e o recurso a infinitivas que funcionam como participantes gramaticais (ex: “Aprovada vacina da Pfizer para a Europa”; “A sala onde se trava o combate do século”; “A ideia é vacinar dois mil profissionais de saúde só num dia, no domingo”).

Este apagamento da agência – seja através de nominalizações, seja através da omissão do agente da passiva – tem dois efeitos discursivos que devem ser ponderados. Por um lado, estes dispositivos de

omissão da agência ocorrem sobretudo em enunciados que dão visibilidade aos beneficiários da vacinação: profissionais de saúde, idosos, etc. Por outro lado, contribuem para a mediatização da vacinação como um processo coletivo, uma luta a nível planetário contra um “inimigo comum”. Esta leitura recupera parte da estratégia discursiva da primeira fase da pandemia a que se fez referência na introdução do artigo.

Tabela VII. Representação dos processos

	Concretude		Nominalização	
	N.º	%	N.º	%
JN	38	74,50	13	25,49
PÚBLICO	42	84	8	16
<b>TOTAIS</b>	<b>80</b>	<b>79,20</b>	<b>21</b>	<b>20,79</b>

Relativamente à representatividade dos participantes, constata-se que no papel de agente se encontram maioritariamente políticos, organizações de saúde e instituições europeias (43,56%); e em 32,67% dos títulos há o apagamento da agência (pelos recursos acima referidos); com 23,76% de incidência surgem as forças (vacinas, doses extra, lotes, ensaios). O papel de paciente ou objetivo é explicitado em 86,13% dos casos.

Tabela VIII. Participantes

	ATORES						PACIENTES					
	AGENTES		FORÇAS		SUPRESSÃO		SUPRESSÃO		PACIENTE		OBJETIVO	
	N.º	%										
JN	21	41,17	11	21,56	19	37,22	7	13,72	16	31,37	28	54,9
PÚBLICO	23	46	13	26	14	28	7	14	15	30	28	56
<b>TOTAIS</b>	<b>44</b>	<b>43,56</b>	<b>24</b>	<b>23,76</b>	<b>33</b>	<b>32,67</b>	<b>14</b>	<b>13,86</b>	<b>31</b>	<b>30,69</b>	<b>56</b>	<b>55,44</b>

O tom dominante (Tabela IX) é o tom positivo, o que coincide com a inversão da narrativa distópica a que se aludiu no início, mas que deve ser ponderado tendo em consideração a excessiva dependência das peças de fontes políticas e oficiais, que naturalmente tentam capitalizar o processo de vacinação. Aliás, se, nas duas primeiras semanas da análise até à concretização da primeira vacina, o tom positivo predomina, à medida que tópicos mais fraturantes começam a entrar na agenda dos jornais – possíveis efeitos da vacina, os limites à capacidade de produção de vacinas, a competição entre países da UE, a lentidão do processo de vacinação, etc. – surgem mais títulos de tom negativo. Uma análise mais fina destes títulos mostra que abordam sobretudo notícias de países estrangeiros (“No Brasil, a vacinação é só mais um capítulo do confronto político”, P, 13.01.21; “Funcionário de centro médico destrói vacinas”,

JN, 1.01.21) ou de decisões e comportamentos de países e organizações europeias (“Adquirir doses à margem da UE não pode afetar acordo”, JN, 9.01.21; “Ursula von der Leyen rejeita críticas à campanha de vacinas da União Europeia”, P, 15.01.21).

Tabela IX. Tom

	POSITIVO		NEGATIVO		NEUTRO	
	N.º	%	N.º	%	N.º	%
JN	31	60,78	14	27,45	6	11,76
PÚBLICO	29	58	10	20	11	22
<b>TOTAIS</b>	<b>60</b>	<b>59,4</b>	<b>24</b>	<b>23,76</b>	<b>17</b>	<b>16,83</b>

Quanto aos registos, se é certo que a imprensa recorre predominantemente ao registo corrente e normativo, no contexto da cobertura de um tema complexo como o da vacinação – que envolve discursos provenientes de formações tão diversas quanto a ciência, a política e o senso comum – é importante perceber, sobretudo, se se deteta a presença de outro tipo de registos, nomeadamente a linguagem especializada.

A leitura da Tabela X revela que o jargão é muito pouco utilizado nos títulos, tendo uma representatividade de apenas 7,92%, estando presente em apenas oito títulos, envolvendo sobretudo palavras como ‘inocular’, ‘imunizar’, ‘cefaleias’, ‘ARNm’. Já o registo familiar, que integra sobretudo algumas metáforas de uso e adágios populares (como “janela de esperança”, “luz verde” ou “pressa é perigosa”), é usado nos poucos títulos que recorrem a citações de cidadãos (“Vacina é bem-vinda para deixar de estar presa” (JN)).

Tabela X. Registos de língua

	CORRENTE		FAMILIAR		ESPECIALIZADO	
	N.º	%	N.º	%	N.º	%
JN	41	80,39	4	7,84	6	11,8
PÚBLICO	42	84	6	12	2	4
<b>TOTAL</b>	<b>83</b>	<b>82,2</b>	<b>10</b>	<b>9,9</b>	<b>8</b>	<b>7,92</b>

O mesmo se aplica ao uso de figuras de retórica, habitualmente pouco compatíveis com a construção de discursos factuais e objetivados, mas cuja presença na linguagem jornalística é recorrente (Lits, 1996; Van Dijk, 1998). Como se pode constatar pela leitura da Tabela XI, na maioria dos títulos do *corpus* de análise (71,28%), não se identifica qualquer destes recursos. Chama-se, contudo, a atenção para o uso da metáfora<sup>17</sup> e da metonímia presentes em 23,76% dos títulos e que são dispositivos discursivos que contribuem para a construção de enquadramentos positivos e de uma narrativa de esperança (“Sonhar com imunização”; “Vacinação com eficiência de um ballet russo”, “Janela de esperança”).

17. Sobre as potencialidades cognitivas das metáforas veja-se Lakoff & Johnson, 2004; e sobre o seu importante papel quer no discurso quotidiano, quer no discurso jornalístico (Rebello, 2000).

Tabela XI. Figuras de retórica

	METÁFORA		METONÍMIA		COMPARAÇÃO		PERSONIFICAÇÃO		GRADAÇÃO		S/FIGURAS	
	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%
JN	7	13,72	4	7,8	1	1,9	2	3,92	0	0	37	72,54
PÚBLICO	7	14	6	12	1	2	0	0	1	2	35	70
<b>TOTAIS</b>	<b>14</b>	<b>13,86</b>	<b>10</b>	<b>9,9</b>	<b>2</b>	<b>1,98</b>	<b>2</b>	<b>1,98</b>	<b>1</b>	<b>0,99</b>	<b>68</b>	<b>71,28</b>

#### 4. Conclusões

A primeira fase da vacinação surge, assim, como mais um capítulo da narrativização política da pandemia de COVID-19 – perspetiva não exclusiva aos *media* nacionais.

A análise de discurso do *corpus* – constituído por 101 títulos dos jornais *Público* e *Jornal de Notícias* – permite concluir que a mediatização deste episódio em Portugal amplificou o processo de vacinação como um sucesso político e integrou de forma acrítica as estratégias discursivas das autoridades de saúde. Além de a maioria dos títulos ser de tom positivo, note-se que as figuras destacadas nos processos verbais são na sua maioria políticos – o PM português, a Ministra da Saúde, o Ministro da Administração Interna, a Presidente da CE, etc.

Uma cobertura positiva e baseada em esperança é, geralmente, característica do jornalismo que cruza questões de saúde e ciência, focando tópicos da Biomedicina e da investigação médica (Magalhães, 2020; Hanson *et al.*, 2017; O’Mahony & Schäfer, 2005). Sendo a vacinação contra a COVID-19 um produto da Ciência – integrado numa narrativa de exceção quer pela rapidez inusitada dos resultados, quer por ser produto de um trabalho colaborativo sem precedentes – que serve um propósito de saúde pública à escala planetária, é compreensível a cobertura mediática diferenciada que recebeu.

No contexto concreto em estudo, este posicionamento pode explicar-se também pela necessidade de o jornalismo inverter a narrativa distópica da pandemia, relegando para segundo plano um conjunto de temas críticos e fraturantes, a que a imprensa internacional, pelo contrário, deu destaque<sup>18</sup>. Recorde-se que o período em análise coincidiu com a terceira vaga da pandemia, a mais grave até ao momento, em que o número de infetados e de mortos colocou Portugal no topo dos piores Estados do mundo.

Os dois jornais portugueses analisados deram ênfase a narrativas de esperança facilmente geradoras de consenso, revelando um trabalho jornalístico excessivamente dependente de fontes oficiais e espelhando, de forma pouco crítica, o discurso político.

18. Segundo Lopes *et al.* (2021): “Em vários órgãos de comunicação social internacionais, os problemas de distribuição começaram a salientar-se muito cedo. Na edição de 7 de janeiro de 2021, a revista *L’Express* publicava um artigo sob o título “Vaccination, comment sortir de l’impasse?” onde se garantia não haver doses suficientes para todos a curto e médio prazo, havendo já a recusa da Pfizer-BioNTech e da Moderna em aceitarem encomendas de doses suplementares. Na semana seguinte (14 de janeiro de 2021), a mesma revista publicava uma entrevista feita ao diretor-geral da Moderna, Stéphane Bancel em que este acusava a União Europeia de ter feito encomendas pequenas, ter negociado de forma arrastada contratos que foram assinados tardiamente. A 26 de janeiro, o diretor executivo da AstraZeneca, Pascal Soriot, em entrevista ao jornal *La Repubblica*, reconhece haver uma dificuldade na exportação de lotes de vacinas. A 30 de janeiro, a britânica *The Spectator* chamava a capa “a guerra de vacinas”, dizendo que esta seria a primeira batalha geopolítica do século XXI em que a competição seria cada vez mais feroz do que à distribuição dizia respeito”.

## Referências

- Abbas, A. H. (2020). “Politicizing the Pandemic: A Schemata Analysis of COVID-19 News in Two Selected Newspapers”, *Int J Semiot Law* (2020). <https://doi.org/10.1007/s11196-020-09745-2>
- Adida, C.L.; K.Y. Dionne & Platas, M.R. (2017). Ebola, elections, and immigration: how politicizing an epidemic can shape public attitudes. *Politics, Groups, and Identities*. <https://doi.org/10.1080/21565503.2018.1484376> (acedido em fevereiro de 2021).
- Alafnan, (2020). COVID 19-The Foreign Virus: Media Bias, Ideology and Dominance in Chinese and American Newspaper Articles. *International Journal of Applied Linguistics & English Literature*, Vol. 9, n.º1, 56-60.
- Bell, A. (1991). *The Language of News Media*. Blackwell.
- Cardoso, G.; Paisana, M. & Pinto-Marinho, A. (2021). *Digital News Report Portugal 2021*. Lisboa: ISCTE / OberCom. (disponível em: <https://obercom.pt/digital-news-report-2021-portugal/>; acedido em agosto de 2021).
- Charaudeau, P. & Maingueneau, D. (2004). *Dicionário de Análise do Discurso*. S. Paulo: Editora Contexto.
- Charron, J. & Bonville, J. (2012). *Natureza e transformação do jornalismo*. Florianópolis: Editora Insular.
- Cotter, C. 2020. From the ‘Spanish Flu’ to COVID-19: lessons from the 1918 pandemic and First World War [Blog post]. <https://blogs.icrc.org/law-and-policy/2020/04/23/spanish-flu-Covid-19-1918-pandemic-first-world-war/> (acedido em janeiro de 2020)
- Cunha, I. F. & Peixinho, A. T. (2020). *Análise dos Media*. Edição revista e aumentada. Coimbra: IUC.
- Develotte, C. & Rechniewski, E. (2001). Discourse analysis of newspaper headlines: a methodological framework for research into national representations. *Web journal of French Media Studies*, 2001, 4 (1).
- Fairclough, N. (2004). *Analysing Discourse. Textual analysis for social research*. 2<sup>nd</sup> edition. New York: Taylor & Francis.
- Gouveia, C. A. M. (2009). Texto e gramática: uma introdução à Linguística Sistémico-Funcional. *Matraga. Estudos Linguísticos e Literários*. Vol. 16, N.º 24: 13-37.
- Hallyday, M. A. K. & Matthiessen, C. M. I. M. (2004). *An Introduction to Functional Grammar*, 3<sup>rd</sup> edition. New York: Hodder Arnold.
- Hallyday, M. A. K. (1994). *An introduction to functional grammar*. 2a ed. London: Edward Arnold.
- Hanson, H., O’Brien, N., Whybrow, P., Isaacs, J. D., & Rapley, T. (2017). Drug breakthrough offers hope to arthritis sufferers: qualitative analysis of medical research in UK newspapers. *Health Expectations*, 20(2), 309–320. <https://doi.org/10.1111/hex.12460>
- Lits, M. (1996). *Récits, Médias et Société*. Louvain-la-Neuve: Bruyillant-Académia, Coll. Pédasup, 36.
- Lopes, F. et al. (2021). (2021). Covid-19: uma pandemia que reconfigura o jornalismo?. *Media & Jornalismo*, 21(39), 57-75.
- Magalhães, O. et al. (2021). Vacinação contra a Covid-19 – uma análise da Comunicação de Saúde das fontes oficiais portuguesas em ambiente digital. *Revista Lusófona de Estudos Culturais / Lusophone Journal of Cultural Studies*, Vol. 8, N.º 2,, 215-236
- Magalhães, O. E. (2020). *Investigação Médica na Imprensa Portuguesa - diagnóstico e recomendações terapêuticas*. Universidade do Minho.
- Maingueneau, D. (2012). *Analyser les textes de communication*. 2<sup>o</sup> ed. Paris: Armand Colin.
- Mouillaud, M. & Tétu, J.-F. (1989) *Le Journal Quotidien*. Lyon: Presse Universitaire de Lyon.

- O'Mahony, P., & Schäfer, M. S. (2005). The “Book of Life” in the press: comparing German and Irish media discourse on human genome research. *Social Studies of Science*, 35(1), 99–130. <https://doi.org/10.1177/0306312705046542>
- Page, C. (2020). Politicizing coronavirus hazardous to our national health. *Chicago Tribune*, 21/04720. Disponível em : <https://www.chicagotribune.com/columns/clarence-page/ct-column-coronavirus-trump-nra-page-20200421-2x1lr5f6frbqnaxf3tv5ck4lly-story.html> (acedido em janeiro de 2021).
- Patterson, T.E. (2003). Tendências do Jornalismo Contemporâneo: Estarão as notícias leves e o jornalismo crítico a enfraquecer a Democracia? *Media & Jornalismo*, 2, 19-47.
- Ramos, R. L. *et al.* (2009). Newspaper headlines: a methodological framework for research into representations of children at risk. Conference paper. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/10509?locale=en> (acedido em janeiro de 2021).
- Santos, C. A. *et al.* (2021). The Covid-19 vaccination agenda: official sources’ performance in social media, *Janus.net* (no prelo).
- Serrano, E. (2005). *Para um Estudo do Jornalismo em Portugal (1976 - 2001). Padrões jornalísticos na cobertura de eleições presidenciais*. Tese de Doutoramento em Sociologia pelo ISCTE.
- Schleppegrell, M. (2012). Systemic Functional Linguistics. In: J. P. Gee & M. Handford (Eds.). *The Routledge Handbook of Discourse Analysis* (pp. 21-34). New York / London: Routledge.
- Scott, C. 2014. The Ebola outbreak was political-just like every disease outbreak [blog post]. <https://www.theverge.com/2014/12/30/7466989/the-ebola-outbreak-was-political-just-like-every-disease-outbreak> (acedido em janeiro de 2020).
- Van Dijk, T. (1998). *La Ciencia del Texto*. 5.ª Ed. Barcelona: Paidós.
- Van Dijk, T. A. (1988). *News Analysis. Case Studies of International and National News in the Press*. Hove and London: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.
- Van Dijk, T. (2005). “Notícias e Conhecimento”. *Estudos em Jornalismo e Mídia*. Vol.II n. 02, 13-29.
- Van Leeuwen, T. (1997). “A representação dos Atores Sociais”. In: Emília Ribeiro Pedro (Org.). *Análise Crítica do Discurso* (pp. 169-222). Lisboa: Caminho.
- Wodak, R. & Meyer, M. (Orgs.) (2003). *Métodos de análise crítica del discurso*. Barcelona: Editorial Gedisa.